

IDENTIDADE CRISTÃ E PLURALISMO RELIGIOSO CONTEMPORÂNEO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA ABORDAGEM TEOLÓGICA DE CLAUDE GEFFRÉ.

*PANASIEWICZ, Roberlei (PUC-MG)**

Introdução

A pluralidade religiosa é uma realidade que perpassa a reflexão teológica da atualidade. O diálogo inter-religioso apresenta-se como uma necessidade do mundo contemporâneo. Esta nova conjuntura sócio religiosa desinstala o cristianismo de seu posicionamento auto-centrado que durante séculos ocupou papel de destaque no cenário internacional. Como compreender esta diversidade religiosa? Qual é o específico cristão neste universo plural? Há salvação em outras religiões ou o cristianismo é a única mediação? O objetivo dessa comunicação é responder a esses questionamentos demarcando a identidade cristã a partir da reflexão de Claude Geffré. Nascido em Niort, França, em 1926, é teólogo católico e padre da Ordem dos Pregadores (Dominicano). É do interior do inclusivismo aberto que desenvolve sua reflexão buscando demarcar a identidade cristã numa perspectiva de abertura ao diálogo com outras tradições religiosas.

A relevância desse estudo está em situar a identidade cristã na pluralidade contemporânea. Nesse sentido, esta reflexão visa somente apresentar algumas convicções deste teólogo.¹ A comunicação está dividida em três momentos. Primeiramente será apresentado o pluralismo religioso como novo paradigma para teologia cristã. Depois será pontuado o caráter singular da identidade cristã neste universo plural. Por fim, pensar-se-á a dimensão universal dessa identidade e seu alcance salvífico.

1. Pluralismo Religioso como novo Paradigma Teológico

* Roberlei Panasiewicz é Doutor em Ciência da Religião pela UFJF, professor e membro do colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas e professor e membro da Comissão de Ética na Pesquisa da Fumec. Pesquisa o pluralismo e o diálogo inter-religioso.

A nova consciência da pluralidade religiosa que começou, institucionalmente, a fazer parte da vida eclesial católica, tendo seu marco referencial no Concílio Vaticano II, teve várias leituras e reações.

Nessa busca de maior consciência sobre as religiões, Geffré defende uma tese de fundamental importância, de maneira particular, para o pensamento teológico cristão. Afirmará que o pluralismo religioso é um novo *paradigma teológico*, por isso merece atenção especial. Ante a descrença religiosa e, mais que isso, ante a indiferença religiosa que marcou a época moderna, agora há um “retorno do religioso e a vitalidade das grandes religiões não cristãs.”²

Os documentos do Concílio Vaticano II demonstram de maneira relevante a mudança ocorrida na forma como a Igreja Católica irá olhar as outras denominações e tradições religiosas. A declaração *Nostra Aetate*, sobre a relação da Igreja Católica com as tradições religiosas, tem um alcance, sobretudo na dimensão ética, considerável, em relação a documentos anteriores. Entretanto, “é ainda tímido do ponto de vista teológico.”³ Esse novo olhar da Igreja Católica foi favorecido pelo pluralismo religioso existente *de fato*. Por isso Geffré o coloca como uma nova questão para a reflexão teológica.

Essa realidade religiosa fez emergir duas novas reflexões pontuais para a teologia: o *pluralismo religioso de fato* e o *pluralismo religioso de princípio* ou *de direito*. O pluralismo religioso *de fato* diz respeito à própria pluralidade ou diversidade de tradições religiosas existentes e, mesmo, aos movimentos religiosos que estão emergindo no final do século passado e princípio deste. Essa variedade religiosa, para Geffré, aponta para uma “questão teológica nova que uma teologia hermenêutica deve afrontar.” E continua dizendo que “a questão que se coloca aqui, sob o ponto de vista teológico, é de saber se a partir de um pluralismo de fato [...] nós não somos teologicamente convidados a considerar um pluralismo de *princípio*.”

Pensar no pluralismo religioso como *pluralismo de princípio* é fazer uma opção teológica no sentido de valorizar todas as tradições religiosas como estando no desígnio misterioso de Deus, “destino histórico permitido por Deus cuja significação última nos escapa.”⁴ Entretanto, reflete a grandiosidade do mistério transcendente de Deus e as várias formas humanas de procurar captá-lo. Como o ser humano é histórico, limitado, finito e vive em culturas diferentes, ele cria estruturas religiosas

próprias para poder contemplar esta realidade que escapa aos seus olhos por ser transcendente, ilimitada e infinita. Mesmo que não houvesse várias tradições culturais, na lógica do *pluralismo de princípio* existiria o pluralismo de teologias refletindo o pluralismo de tradições religiosas, pois estas testemunham a busca constante deste humano de encontrar ao menos facetas do mistério divino. Portanto, independentemente da variedade cultural ou reforçado por ela, o pluralismo religioso é uma realidade que pede maior atenção à reflexão teológica. O pluralismo religioso “pode ser expressão da vontade mesma de Deus que tem necessidade da diversidade das culturas e das religiões para melhor manifestar as riquezas da plenitude de verdade que coincide com o mistério mesmo de Deus.”⁵

Para falar desse pluralismo, Geffré faz referência ao mito da Torre de Babel,⁶ que propõe a construção de uma torre que chegasse ao céu. Essa construção representa, de certa forma, o orgulho humano em propor uma união tal que se assemelhasse à unicidade divina. Deus, sentindo-se ameaçado por tamanha iniciativa, confunde a linguagem destes construtores acabando por dispersar a obra. Esse mito quer explicar a variedade das línguas, das culturas e das tradições religiosas existentes na humanidade na época em que foi redigido o texto sagrado. Ele não significa nenhum castigo divino. Mas, como foi dito, expressa a diversidade existente naquela época. Teologicamente, pode-se pensar que a diversidade está, portanto, no desígnio de Deus.

Para Geffré, “esse pluralismo, esta dispersão das línguas é um retorno à vontade primeira de Deus que abençoa a multiplicidade, não somente a multiplicidade do ser humano, mas também a multiplicidade das raças, das línguas, das culturas.”⁷ Essa multiplicidade de culturas está intrinsecamente articulada com a diversidade de tradições religiosas. Para Geffré, essa diversidade é um valor e está confirmada em “Pentecostes que é precisamente uma espécie de legitimação que é dada à pluralidade na medida em que a riqueza superabundante do mistério de Deus não pode ser expressa a não ser por uma pluralidade de formas religiosas.”⁸

Para Geffré, o *pluralismo de princípio* não diminui Deus e nem o cristianismo. Essa concepção é uma revolução na doutrina cristã, mas que “não leva a relativizar o mistério do Cristo como centro da história e como lugar único do encontro do eterno e do histórico.” E ainda, para Geffré, “é possível confessar o Ser absoluto que fez irrupção em Jesus Cristo sem absolutizar o cristianismo como religião histórica,

excluindo todas as outras.”⁹ O *princípio encarnacional*, concepção de um Deus que se faz humano, ou seja, o princípio absoluto, se particularizando na história, convida o cristianismo a não ter pretensão de ser a religião absoluta. O cristianismo é convidado a dar testemunho de uma religião dialogal. Nesse universo plural, como compreender a especificidade da identidade cristã?

2. Traço singular da identidade cristã: o princípio encarnacional

Com a consciência do pluralismo religioso cada vez mais presente em nosso mundo, emergem questionamentos à teologia cristã de que ela não pode deixar de tratar. Os autores e os teólogos que se interessam pelo diálogo inter-religioso e pela reflexão sobre a Teologia das Religiões têm trabalhado de forma diferenciada com essa temática. Alguns procuram alternativas para esse debate e são acusados por outros de relativismo, colocando a identidade cristã em risco.¹⁰ Esse é, portanto, um tema crucial. Como pensar a encarnação e a mediação operada por Jesus Cristo sem colocar em risco a fé cristã e ao mesmo tempo estar aberta ao diálogo com as outras tradições religiosas? O que é específico da fé cristã?

Claude Geffré, consciente dessa problemática, tem procurado construir uma reflexão que busca atender esta demanda atual do pensamento teológico. Para ele, a novidade do cristianismo enquanto religião é o evento Jesus Cristo, que propõe uma nova maneira de se relacionar com Deus, com as outras pessoas e com o universo. “Essa novidade se traduz especialmente no *espírito novo* com o qual são assumidos um universo de pensamento, uma visão do mundo e do homem, um estilo de vida e categorias éticas, que podem ser antigos.”¹¹ Jesus Cristo propõe, em seu modo de vida, uma reinterpretação dos valores ético-religiosos de sua época.

Seguindo a reflexão de Geffré, “seríamos tentados a dizer que Cristo não fundou uma nova religião, se por religião entendemos sistema de representações, conjunto de ritos, catálogo de prescrições éticas, programa de práticas sociais.” E ainda, continua ele, “a existência cristã não se define *a priori*. Ela se acha onde o Espírito de Cristo faz surgir um ser novo de homem individual e coletivo.”¹² Assim, o cristianismo, como “religião da encarnação”,¹³ isto é, a partir do evento Jesus Cristo,

não pode se contentar em ser somente mais uma religião enraizada nas diversas realidades culturais, mas deve fazer valer a originalidade de sua existência que é ser a religião do amor, da alteridade. Pois o Deus cristão “abre mão” da condição divina (*kenosis*) e se torna humano, radicalizando, assim, o amor deste Deus para com os humanos e, ao ressuscitar, os convida a participar de seu mundo divino. Por isso é que se pode dizer que há um jeito cristão de ser homem, de ser mulher, de amar, de trabalhar, de viver, de sofrer, de ser feliz. Esse *jeito* cristão de ser e de viver o amor não é facilmente discernido no dia a dia. Entretanto, é esta busca de viver com *espírito novo* todas as coisas que faz o cristianismo ser fiel à originalidade deixada por seu mestre-iniciador, Jesus Cristo, de quem derivou o nome desta prática religiosa. A alteridade expressa na criatividade do viver é um traço essencial da identidade cristã.

Esse *espírito novo* ou *jeito novo* de viver todas as coisas, em especial a alteridade, é que deve fazer o cristianismo pensar com singularidade o pluralismo religioso e buscar maneiras novas e criativas de se relacionar com as diversas tradições religiosas. Esse princípio da alteridade vivido por Jesus Cristo tem alcance universal? Como pensar a salvação no horizonte plural?

3. Universalidade da identidade cristã

Para o cristianismo, refletir sobre o mistério da encarnação é pensar a articulação entre o Verbo eterno e o Verbo encarnado, inseparáveis e distintos. Jesus Cristo “não é a manifestação privilegiada do Absoluto na história. Ele é o próprio Absoluto tornado histórico.”¹⁴ Esta é a originalidade da revelação cristã e, ao mesmo tempo, a dificuldade no diálogo com outras tradições religiosas monoteístas. Falar que Deus se fez humano na pessoa de Jesus Cristo e, que, desta revelação, emerge a concepção de um Deus trino, isto é, que é Pai, Filho e Espírito Santo, é para judeus e islâmicos uma mistura de algo criado com Deus e um enfraquecimento na unicidade divina.¹⁵ Entretanto, para os cristãos, é o marco de sua identidade religiosa, pois Deus, enquanto Verbo, se encarna e se faz humano em Jesus de Nazaré, possibilitando a articulação entre o universal e o particular. Por isso, Geffré afirma que “é preciso aceitar o paradoxo da encarnação. É enquanto o Verbo é inseparável da humanidade

deste homem que é Jesus de Nazaré que ele é universal; é em sua própria particularidade que ele tem uma dimensão universal.”¹⁶

Em outras palavras, “a pessoa de Jesus como manifestação concreta do Logos universal realiza a identidade entre o absolutamente concreto e o absolutamente universal.”¹⁷ Na percepção cristã, Deus escolheu revelar-se na particularidade de Jesus Cristo e, nele, a humanidade tem acesso ao absoluto de Deus. Nesta *kenosis* divina (aniquilamento), Deus abre mão de sua condição e se torna humano. Aqui está o paradoxo, pois, ao se tornar humano em *Jesus de Nazaré*, Deus deixa de ser absoluto nesta experiência, porque não há possibilidade de um humano ser também absoluto, devido à condição histórica em que todo ser humano está envolvido. Entretanto, enquanto *Cristo*, ele continua a demarcar seu caráter de universalidade. “Cristo é o elemento concreto através do qual os que crêem têm acesso ao absoluto, mas ele mesmo está sujeito ao julgamento daquele que ele chama de *incondicional*, isto é, o absoluto de Deus.”¹⁸

É por Deus ser Deus, na pessoa do Pai, que Jesus Cristo, enquanto Verbo, é chamado, por Ele, à ressurreição dos mortos. E, por Jesus Cristo ser o Verbo encarnado, ao ressuscitar, é re-introduzido à sua experiência originária na trindade divina. Geffré expressa essa idéia com a terminologia *entronização*: “o crucificado é estabelecido Filho de Deus pela ressurreição e exaltação.”¹⁹ A trindade é eterna (Pai, Logos ou Verbo e Espírito), porém a concepção de Filho de Deus vem com a encarnação. É para falar da identidade de Jesus e para facilitar o diálogo com os muçulmanos que Geffré dá preferência ao termo *entronização*. Ele diz que “a filiação divina de Jesus não seria da ordem de uma geração física nem mesmo metafísica – coisa que o Islã não pode aceitar – mas da ordem de uma entronização por Deus.”²⁰ Perspectiva que sustenta a identidade cristã e propicia maior diálogo com os muçulmanos.

Geffré demarca existir uma diferença entre as concepções de monoteísmo judaico, muçulmano e cristão. O monoteísmo judaico é um monoteísmo soteriológico, funcional, ou, ainda, *de salvação*. Para a teologia bíblica, “chega-se à unicidade de Deus a partir da unicidade da aliança de Deus com seu povo.”²¹ O monoteísmo muçulmano é *ontológico, pré-eterno*. Para a teologia muçulmana, “a única aliança que conta é a aliança criacional, poderíamos dizer aquela que coincide com a própria criação do ser humano.” E, ainda, “a lógica do islã obedece finalmente à lógica do

absoluto, isto é, à lógica da identidade que exclui toda diferença, e que é a expressão de sua auto-suficiência, de sua perfeição.”²² O monoteísmo cristão é monoteísmo trinitário, “pode-se falar da unicidade do Deus cristão a partir da unicidade da mediação de Jesus Cristo.”²³ Geffré expressa o monoteísmo cristão como sendo “uma vida diferenciada na comunhão, porque Deus é em si mesmo não identidade absoluta mas comunhão na diferença; ele é mistério absoluto de comunicação, isto é, ele mesmo tende a suscitar diferenças.”²⁴ Quem mantém viva esta abertura à comunicação é a terceira pessoa do mistério trinitário, o Espírito.

Esses monoteísmos expressam o mistério divino e testemunham a tentativa humana de explicitar a experiência da unicidade de Deus. Um desafia o outro a ser compreendido pelo que está expressando e a atualizar-se na maneira como cada um absorve o mistério divino. Também exercem mútuo papel de *avisador* no sentido de estarem aprofundando, permanentemente, em suas reflexões sobre o mistério divino sem fechamento e sem riscos de comprometer a transcendência de Deus.

Para o monoteísmo cristão, Jesus de Nazaré é o “ícone de Deus vivo,”²⁵ pois revela o amor de Deus a todos os seres humanos. É o amor de Deus que deve ser absolutizado e não o cristianismo histórico. O *princípio encarnacional* é a “manifestação do absoluto em e por uma particularidade histórica que nos convida a não absolutizar o cristianismo.”²⁶ Este é convidado a ser também o *ícone* do amor de Deus à humanidade. O crente de outra tradição religiosa é aquele que está a todo tempo sendo uma possibilidade para o cristão e, a partir dele, todo o cristianismo tem a possibilidade de reler e reinterpretar toda a mensagem e prática de Jesus Cristo.

A expressão do amor de Deus através da articulação entre *encarnação – cruz – ressurreição* de Jesus Cristo emerge, em Geffré, a concepção de Cristo como *universal concreto*. Por ele e com ele, todo ser humano é convidado a participar da comunhão trinitária. Para Geffré, “a cruz tem um valor simbólico universal: ela é o símbolo de uma universalidade sempre ligada ao sacrifício de uma particularidade. Jesus morre à sua particularidade enquanto Jesus de Nazaré, para renascer em figura de universalidade, em figura de Cristo.”²⁷

Não resta dúvida de que Jesus e Cristo são a mesma pessoa. Entretanto, teologicamente, afirma-se que é na particularidade de Jesus de Nazaré, morto em uma cruz, que Cristo renasce em sentido de universalidade. Ao ressuscitar, Cristo liberta

Jesus da limitação e do particularismo históricos. “Sua humanidade é relativa por ser histórica, e nisto mesmo ela é portadora de um sentido absoluto e universal. Jesus é o elemento concreto através do qual os homens têm acesso a Deus.”²⁸ É na abertura e na entrega total ao outro (a cruz) que a particularidade de Jesus se manifesta como universalidade de Cristo (ressurreição). Para Geffré, é a partir daqui que se torna possível pensar a universalidade da mensagem cristã e a pluralidade das tradições religiosas e culturais. “Se quisermos manter no diálogo inter-religioso uma identidade cristã, não podemos definir esta singularidade cristã fora da cruz de Cristo como figura do amor absoluto de Deus. É por isso que é impossível no cristianismo opor cristocentrismo e teocentrismo.” E segue dizendo que “no cristianismo não há teocentrismo sem uma referência a Jesus Cristo como figura do Absoluto.”²⁹ Para a perspectiva cristã é a particularidade de Jesus Cristo que revela o absoluto e a universalidade de Deus. Por isso, Geffré afirma que o teocentrismo é compreendido a partir de Jesus Cristo.

Nesse horizonte, as religiões possuem ‘função mediadora na salvação’ à medida que são portadoras da ‘presença oculta do mistério de Cristo’ ou de *valores crísticos* e não possuidoras dos valores do cristianismo histórico. As pessoas são salvas *nas e através das* tradições religiosas enquanto nelas há a presença misteriosa de Cristo ressuscitado. Cada tradição religiosa tem sua irredutibilidade, ou seja, sua especificidade e por isso não pode ser reduzida ao cristianismo. É em sua particularidade histórica que cada tradição tematiza sua autêntica experiência religiosa. Enquanto uma tradição religiosa favoreça o “descentramento do homem relativamente a algo maior que ele mesmo e relativamente a outrem constitui um *germe* em relação ao mistério da salvação.”³⁰ Esse *germe* presente nas tradições religiosas que a impulsiona ao transcendente e à alteridade vem do Espírito de Deus e do mistério de Cristo. Por isso, Geffré utiliza o termo *mediação derivada*, porque a tradição religiosa oferece uma mediação de salvação que *deriva* do mistério de Cristo enquanto *universal concreto*. Não é o cristianismo, enquanto religião histórica, que é absoluto e universal, mas sim o Verbo encarnado de Deus e *entronizado* como Filho em Jesus Cristo.

Conclusão

Claude Geffré, ao afirmar que o pluralismo religioso é um novo paradigma para a teologia cristã, propicia abertura à novas construções. Para além da pluralidade religiosa, o *pluralismo de princípio* favorece o encontro com o diferente e favorece releitura da própria identidade. Esta não deve ser compreendida como fixa e fechada, mas aberta à novas hermenêuticas e em constante processo de construção.

Para Geffré, a identidade cristã é delineada pela encarnação de Deus em Jesus Cristo e demarcada pela alteridade, traço específico do projeto do Reino de Deus. Esse *jeito novo* de se relacionar, marcado pelo amor, favorece, estimula e edifica o diálogo entre as tradições religiosas. Diálogo que deve levar a paz social. Eticamente, as religiões são convocadas a denunciar as injustiças e opressões e anunciar e defender a vida na sociedade. Na perspectiva cristã, a ressurreição de Jesus Cristo faz ecoar este apelo de vida e solidariedade a todos os confins da terra.

A implicação positiva para o diálogo inter-religioso está em reconhecer que existem valores em todas as tradições religiosas e que esses valores devem ser partilhados para a maior percepção do mistério de Deus. Para a tradição religiosa cristã, especificamente, o aspecto positivo está em demarcar e aprofundar o caráter de sua identidade religiosa. Cristo como *universal concreto* é o que dá fundamento ao encontro entre as tradições religiosas e o estimula, a partir do horizonte cristocêntrico. Não existem paralelismos salvíficos, pois é o mistério universal de Cristo que unifica a salvação. As vias históricas de captar e de viver o mistério divino são diferentes e positivas. Entretanto, a via final para chegar a Deus é através da mediação misteriosa de Cristo. Essa mediação está presente e atuante ao longo da história de cada tradição religiosa através da presença e da prática de valores que caracterizam o viver humano e tem seu *cumprimento* ou sua *realização* no mistério universal de Cristo. Do horizonte pluralista teocêntrico permanece uma pergunta: esta maneira de demarcar a salvação cristã não é muito cristocentrada?

Referência Bibliográfica

GEFFRÉ, Claude. *De Babel à Pentecôte: essais de théologie interreligieuse*. Paris: Cerf, 2006. 363 p.

_____. *Croire et interpréter*. le tournant herméneutique de la théologie. Paris: Cerf, 2001. 170 p. (Edição Portuguesa: *Crer e interpretar*: a virada hermenêutica da teologia. Petrópolis: Vozes, 2004. 230 p.)

_____. Por um cristianismo mundial. *Cadernos da estef*, Porto Alegre, n. 30, p. 5-25, 2003.

_____. O Deus uno do islã e o monoteísmo trinitário. *Concilium*, Petrópolis, v. 289, n. 1, p. 91-99, 2001.

_____. O lugar das religiões no plano da salvação. In: TEIXEIRA, F. (Org.). *O diálogo como afirmação da vida*. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. A fé na era do pluralismo religioso. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 61-74.

_____. *Como fazer teologia hoje: hermenêutica teológica*. São Paulo: Paulinas, 1989. 328 p. (Título Original: *Le christianisme au risque de l'interprétation*. Paris: Cerf, 1983. 361 p.)

TEIXEIRA, Faustino. A experiência de Deus nas religiões. *Numen*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 111-148, jan.-jun., 2000.

¹ Para maiores detalhes sobre o pensamento de Claude Geffré e reações críticas ao seu pensamento ver: PANASIEWICZ, Roberlei. *Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré*. São Paulo: Paulinas/PUCMinas, 2007.

² GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 92.

³ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 92.

⁴ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 95. Ver também: GEFFRÉ, A fé na era do pluralismo religioso, p. 65.

⁵ GEFFRÉ, Por um cristianismo mundial, p. 14.

⁶ O texto encontra-se em Gn 11, 1-9. O último livro de Geffré trabalha esta temática: *De Babel à Pentecôte*.

⁷ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 96.

⁸ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 96. O acontecimento de Pentecostes é narrado em At 2, 1-13.

⁹ GEFFRÉ, Por um cristianismo mundial, p. 14.

¹⁰ "Para fazer frente a essa mentalidade relativista, que se vai difundindo cada vez mais, deve-se reafirmar, acima de tudo, o caráter definitivo e completo da revelação de Jesus Cristo." Cf. Declaração *Dominus Iesus*, n. 5.

¹¹ GEFFRÉ, C. Como fazer teologia hoje, p. 220.

¹² GEFFRÉ, C. *Como fazer teologia hoje*, p. 221.

¹³ GEFFRÉ, C. Por um cristianismo mundial, p. 14.

¹⁴ GEFFRÉ, Como fazer teologia hoje, p. 160.

¹⁵ Cf. TEIXEIRA. A experiência de Deus nas religiões, p. 125 e 135.

¹⁶ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 119.

¹⁷ GEFFRÉ, O lugar das religiões no plano da salvação, p. 125.

-
- ¹⁸ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 119.
¹⁹ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 164.
²⁰ GEFFRÉ, C. O Deus uno do islã e o monoteísmo trinitário, p. 97.
²¹ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 161.
²² GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 161; 166.
²³ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 161.
²⁴ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 166.
²⁵ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 118.
²⁶ GEFFRÉ, Por um cristianismo mundial, p. 14.
²⁷ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 120.
²⁸ GEFFRÉ, Por um cristianismo mundial, p. 14.
²⁹ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 121-122.
³⁰ GEFFRÉ, O lugar das religiões no plano da salvação, p. 129.